



COM

PORTUGAL

BOLETIM ICOM Portugal

Série III n.º 1 Out 2014

# EDITORIAL

Inaugura-se uma nova série do boletim ICOM Portugal. Mantêm-se alguns aspectos das edições anteriores: um artigo em destaque, os textos de opinião, a agenda e as publicações. Temos um novo grafismo (com a colaboração da Sistemas do Futuro) e introduzimos algumas novidades. Pretende-se que o boletim seja um espaço plural de olhares sobre o mundo dos museus, contando com o contributo dos seus profissionais.

Globalmente, este número inspira-se no tema escolhido para os Encontros de Outono de 2014 do ICOM Portugal: *Museus e Gestão: Novas Pontes para a Sociedade*. O artigo em destaque, de António Ponte, enuncia os argumentos a favor da construção de pontes entre os museus e o sector do turismo para o desenvolvimento das regiões, sendo o trabalho em rede uma dimensão estruturante. Sara Barriga e Inês Ferreira respondem ao repto lançado: em que medida o estado de mudança que vivemos nos museus (incertezas, flutuações, transformações e desequilíbrios) pode ser também uma fonte de criatividade e o encontrar de soluções, de novas pontes? Maria João Vasconcelos, entrevistada por Clara Frayão Camacho, fala de alguns projectos e iniciativas que revelam a importância de uma acção mais interventiva e aberta à sociedade. Em *Notícias ICOM* pode ler as observações de vários colegas sobre a sua participação em conferências e encontros ligados a actividades do ICOM, quer em contexto nacional, quer em contexto internacional. Conheça ainda os destaques que seleccionámos em termos de publicações e de eventos em agenda (conferências, encontros, debates, formação, chamada de propostas) para o próximo trimestre.

O próximo número será dedicado às potencialidades do trabalho em rede nos museus. Participe!

Ana Carvalho

## ÍNDICE

<u>MENSAGEM DO PRESIDENTE</u>	3
<u>EM FOCO</u>	5
OS MUSEUS E O PATRIMÓNIO CULTURAL NO CONTEXTO DO TURISMO CULTURAL	5
<u>PRESPECTIVAS</u>	10
«VIVER EM ESTADO DE CRISE»: PARADOXO OU DESAFIO?	10
<u>ENTREVISTA</u>	13
COM MARIA JOÃO VASCONCELOS	13
<u>PUBLICAÇÕES</u>	17
SUGESTÕES DE LEITURA	17
NOVAS EDIÇÕES 2014	19
<u>NOTÍCIAS ICOM</u>	23
PROJECTAR EM REDE, TRABALHAR EM PARCERIA	23
PLANEAR E PROGRAMAR MUSEUS	24
STUDY DAYS ON VENETIAN GLASS	26
DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS EM MAPUTO	28
NOVAS TENDÊNCIAS EM MUSEOLOGIA	29
II PROGRAMA DE TREINAMENTO	
DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS CIDOC-ICOM	33
ACCESS AND UNDERSTANDING - NETWORKING IN THE DIGITAL ERA	35
<u>AGENDA</u>	37
CONFERÊNCIAS, ENCONTROS, DEBATES	37
FORMAÇÃO	40
CHAMADA PARA PROPOSTAS	41
DESTAQUE: "MUSEUS E GESTÃO: NOVAS PONTES PARA A SOCIEDADE"	42

## MENSAGEM DO PRESIDENTE



Este é o primeiro boletim da actual direcção do ICOM Portugal, composta por uma equipa de profissionais de museus de Norte a Sul do país e com diferentes experiências no mundo dos museus. Fomos eleitos a 31 de Março do corrente ano e temos vindo a desenvolver uma série de contactos no sentido de manter a vocação deste organismo da UNESCO atento à situação dos profissionais de museus e aos museus em si. No todo das funções museológicas e do seu cumprimento, as questões da gestão museológica e dos recursos humanos impõem-se como as preocupações fundamentais na conjuntura actual, de forma a conseguirmos colocar os museus na agenda política e social.

Enquanto entidade especializada e independente, pretendemos promover a discussão dos assuntos da actualidade museológica, com vista a que as tomadas de decisão do ICOM Portugal possam resultar de uma visão alargada dos profissionais de diferentes museus que a compõem.

Entre 2 e 4 de Junho participámos na reunião anual (29.ª sessão) do ICOM Internacional, na sede da UNESCO, em Paris. Foram vários os assuntos abordados. O presidente do ICOM, [Hans-Martin Hinz](#), afirmou a necessidade de se chegar a uma nova definição de museu, assunto que está a ser tratado no ICOM. A questão será apresentada na assembleia-geral de Milão, em 2016. Outro eixo estratégico apresentado foi o ICOM-ITC Pequim (ICOM International Training Center), com a indicação que o curso de Museologia se vai manter bianual. A próxima edição, em Novembro, será sobre temas de educação; em 2015 será na Primavera com o tema “exposições” e no Outono de novo o tema “gestão”. Trata-se de um curso que merece divulgação no nosso país, pelo interesse de conjugar profissionais de vários pontos do mundo, embora o público alvo dos participantes que o ICOM selecciona seja sobretudo formandos não europeus, nomeadamente asiáticos e africanos. Ainda assim, contamos apoiar os membros do ICOM Portugal a participar nestes cursos. Sobre a 29.ª sessão, em Paris, encontra informação mais detalhada nas actas que estão disponíveis no [website do ICOM](#).

Esperamos em breve contar com a apresentação de um novo *website* do ICOM Portugal, onde, entre outras novidades queremos informar e incentivar os membros portugueses a pertencerem a um dos 31 comités internacionais de acordo com a sua área de interesse, de modo a receberem informação específica do respectivo comité, encontros internacionais, troca de informações, etc. A renovação do *website* ajudará ainda a uma actualização permanente de todas as notícias relacionadas com a formação em museus a nível nacional e internacional, no sentido de incrementar a participação dos membros portugueses, assim como de tornar mais visíveis todas as participações de membros do

ICOM Portugal em eventos diversos. Neste desejo de tornar a informação mais abrangente criámos uma página no [Facebook](#) que já pode seguir.

A maioria dos museus em Portugal, com especial destaque para os dependentes das finanças do Estado central ou local, são instituições pobres sem recursos para renovar as suas exposições, corpo técnico e campanhas de divulgação para a captação de novos públicos e promoção da própria instituição. Para além desta situação, nos últimos anos, muitos museus foram avaliados mais pelo número de visitantes do que pela qualidade das suas acções, sendo notório o esforço dos profissionais dos museus na criatividade, no estudo e na conservação dos mais variados acervos que representam a nossa identidade. Nos últimos anos, a «crise» financeira nacional afectou o quotidiano de todos nós. Decorrente desta situação escolhemos para tema dos habituais Encontros de Outono, desta vez no Museu de Portimão, a 31 de Outubro, casos de bons modelos de gestão de museus na sua relação com a sociedade: *Museus e Gestão: Novas Pontes para a Sociedade*. Contamos com a participação de conferencistas portugueses e outros colegas europeus membros do ICOM que nos irão apresentar bons exemplos de gestão de museus, com casos de sucesso e iniciativas várias em museus europeus. Serão apresentadas diferentes abordagens e os resultados obtidos, assim como de casos portugueses com propostas bastante positivas, na ligação com o turismo, empresas, comunidades, administração local, museus em rede e outros tipos de parcerias. Alertamos para a participação de todos, membros e não membros, dada a relevância da temática tratada.

José Alberto Ribeiro

## EM FOCO

---

### Os Museus e o Património Cultural no Contexto do Turismo Cultural Estruturas Essenciais do Desenvolvimento Económico Contemporâneo<sup>1</sup>

*António Ponte, director regional de cultura do norte*

**D**evido às sinergias que permitem criar e desenvolver o turismo e a cultura estão cada vez mais relacionados conseguindo exponenciar o seu potencial no desenvolvimento sustentado dos países e regiões. A OCDE (2009, 21) reconheceu o turismo cultural como o sector com mais rápido e forte desenvolvimento dos destinos, sendo uma peça estruturante nos factores de motivação e de competitividade.

O turismo cultural, tal como acontece com outras dinâmicas turísticas, sofreu uma grande evolução ao longo dos tempos, fruto do desenvolvimento de novas dinâmicas culturais, dos gostos, da condição económica das sociedades, tornando-se numa das maiores fontes de recursos provenientes do turismo um pouco por todo o mundo (Ateljevic e Doorne 2007, 331; Rosenfeld 2008, 10–12; OCDE 2009, 10, 21). Assim, o turismo cultural transformou-se num dos grandes motores da economia internacional, resultado dos benefícios criados da interacção entre cultura e turismo, convertendo-se, no século XXI, no grande dinamizador da economia e na geração de emprego, contribuindo para um melhor conhecimento e compreensão entre os Homens e as suas culturas.

A Comissão Europeia identificou o turismo cultural como um dos mais importantes segmentos do turismo europeu, contribuindo não só para o desenvolvimento geral do turismo na Europa, mas também para a conservação da cultura local, para o desenvolvimento de estruturas culturais e para o aumento do emprego no sector (Fernandes e Silva 2007, 122).

É hoje comumente aceite que o património cultural inclui todos os elementos representativos da identidade colectiva, ultrapassando a concepção patrimonial limitada que relacionava este termo com objectos artísticos. O estudo, interpretação e comunicação deste serão determinantes na avaliação da qualidade da oferta e no

---

<sup>1</sup> Este texto resulta da dissertação de doutoramento *O papel dos Museus do Norte de Portugal para uma Dinamização do Turismo Cultural* apresentada à Faculdade de Letras de Universidade do Porto e que pode ser consultada na íntegra no [repositório](#) da universidade.

enriquecimento da experiência vivida, no sentido de ser facilitada a compreensão dos locais visitados.

Nesta perspectiva, as instituições museológicas têm de se relacionar com um largo leque de organizações, sejam elas do sector da educação, do turismo, da comunicação social ou outras.

Os museus assumem uma importância fundamental na actividade turística, funcionando como factor de atractividade e motivação, permitindo o reforço da identidade nacional e/ou local e garantindo a difusão desses valores para os turistas nacionais e internacionais que os visitam.

O turismo e as viagens estão desde sempre relacionados com o universo museológico. Se hoje encaramos o turismo e os turistas como mercados onde os museus se devem, cada vez mais, afirmar com respostas conducentes à motivação e satisfação dos mesmos, ao longo dos últimos seis séculos, a curiosidade dos povos, o contacto com as novas civilizações e as novas culturas promoveu o desenvolvimento do coleccionismo científico, pretendendo-se recriar, no «velho mundo» o passado ou uma realidade longínqua, cheia de seres exóticos.

Depois de numa primeira fase alguns resultarem de viagens e da mobilidade do homem, os museus transformaram-se em locais procurados pelos turistas, estando intimamente relacionados com o sector dos tempos livres, funcionando como factores de mobilização, constituindo, inúmeras vezes, a motivação para determinada visita, respondendo assim a um dos seus grandes desafios que é o de atrair públicos.

O número de turistas nos museus, entre 1960 e 1995, passou de 70 milhões para mais de 500 milhões de visitantes. Sendo o turismo cultural um dos sectores do turismo com maior expansão, é provável que o número de turistas nos museus continue a aumentar (Graburn 1998, 13; Gonçalves 2007, 1).

Os museus são uma instituição cultural complexa, assumindo importância na comunidade onde se inserem, tanto do ponto de vista sociocultural como económico (Ambrose e Paine 1993, 10). Novos museus têm sido concebidos de forma a criar novas dinâmicas culturais nas cidades. Falamos do Centro Georges Pompidou, em Paris, do Museu de Arte Moderna, em Frankfurt ou do Centro para a Arte e Tecnologia, em Karlsruhe, entre outros.

Muitos museus ganham fama a partir das suas estruturas arquitectónicas. Estes projectos culturais, que se transformarão em espaços públicos de excelência e de afirmação do poder político, são entregues a arquitectos de renome internacional, com o objectivo de se construírem edifícios icónicos no âmbito de ambiciosos processos de renovação urbana, podendo mesmo chegar ao ponto de se procurar conferir uma nova identidade às cidades, transformando-se o próprio edifício do museu numa estrutura

comunicacional, obrigando o visitante a ler os símbolos emitidos pelo edifício, os seus contextos para o conseguir compreender e enquadrar.

Também fruto do reconhecimento do papel dos museus, a criação de sucursais de grandes museus em Abu Dhabi, tais como o Louvre ou o Guggenheim, a instalar em edifícios concebidos por nomes inquestionáveis da arquitectura mundial, tais como Ieoh Ming Pei, Jean Nouvel ou Frank Gehry, além de polémica é entendida como uma forma de criar novas rotas do turismo cultural sustentadas em marcas reconhecidas em espaços completamente fora dos circuitos tradicionais (Micheli 2011, 11; Texier 2011, 14).

Com efeito, perceber se os museus fazem o turismo ou se o turismo faz os museus ou se as cidades são fruto destes dois fenómenos são questões que se colocam com respostas difíceis de encontrar e resultam da intensificação e da diversificação da mobilidade num âmbito internacional, em que os museus desempenham um papel crucial na oferta urbana, colocando-se ao serviço de uma sociedade da informação e do lazer (Gonçalves 2009, 3; Eirest 2011, 1–2).

Nos últimos anos, os museus foram lançados num mercado cultural cada vez mais competitivo, com uma oferta muito diversificada, em que se tornaram apenas mais uma opção para a ocupação dos tempos livres, obrigando-se a definir métodos de gestão mais eficazes e adaptados à actualidade. A concorrência verificada entre estruturas culturais diferenciadas alastrou ao interior do sector e assiste-se, hoje, a uma disputa entre museus num mercado cada vez mais global, transformando a gestão museológica num dos domínios mais actuais da Museologia (Moore 1994, 1).

Esta competição lança desafios e obriga os museus a descobrirem-se e a descobrirem novos modos de actuação neste novo mundo, conhecendo cada vez mais profundamente os seus públicos, os seus desejos e necessidades, os quais se alteraram fruto de mudanças demográficas, tecnológicas e a própria globalização, assim como a necessidade de gerar receitas, de reforçar os laços comunitários, competindo efectivamente no mercado do lazer e da educação.

Os museus transformam-se em verdadeiras empresas culturais, desenvolvendo estratégias de comunicação e de valorização das suas estruturas. Os museus, que se estruturavam em volta das exposições permanentes, promovem cada vez mais exposições temporárias.

Assim, uma cooperação entre instituições museológicas, instituições turísticas e comunidades deve ser promovida e mesmo encorajada (ICOM 2005, s/p), devendo os museus e as comunidades locais beneficiar com a expansão da actividade turística, estimulando-se o respeito mútuo e os valores da hospitalidade.

A criação de redes permitirá a utilização maximizada dos recursos culturais locais, regionais ou nacionais, criando novas respostas para o turismo, originando novos

produtos para a indústria do lazer, num mundo cada vez mais globalizado, tornando os museus mais atractivos tanto pela sua semelhança como pela sua diversidade. As redes assumem tipologias muito diversas: redes temáticas, redes locais, redes regionais, nacionais ou transnacionais. Se aquelas que integram instituições próximas, podem ter uma função mais de coordenação administrativa, as redes regionais assumem um papel mais importante na promoção do turismo, na articulação de políticas comuns, no desenvolvimento de programas mais alargados, apresentando-se aos públicos como produtos de alta qualidade, integradas pelas melhores instituições no seu domínio, ganhando maior capacidade de atracção, fruto de uma cada vez maior abertura ao exterior (Buckley 2007, 4; Camacho 2007, 2).

O estabelecimento de uma rede visa atingir objectivos comuns, trabalho de qualidade com o menor número de recursos possível. As parcerias devem promover as boas práticas, trazer inovação à área de trabalho em causa, funcionando como plataformas de *benchmarking*. Implica a existência de pontos culturais comuns, capazes de se sobreporem às diferenças administrativas ou às fronteiras históricas, sendo essencial o desenvolvimento de trabalho partilhado, interdisciplinaridade e cooperação, reforçando os laços profissionais (Jaoul 1999, 26; Space 2004, 4; Bienzle et al 2007, 9).

Do ponto de vista financeiro, o estabelecimento de rotas ou redes pode trazer benefícios de diversa ordem. Por um lado, permitindo a apresentação de candidaturas a projectos de financiamento inacessíveis a museus individualizados; por outro lado, a articulação entre estruturas museológicas pode trazer benefícios ao nível da gestão, permitindo a superação de dificuldades orçamentais que a falta de escala pode agravar, promovendo as instituições no exterior, potenciando a sua afirmação e o aumento do fluxo de visitantes, dos quais as receitas de bilheteira, a aquisição de serviços e produtos poderão ser uma importante fonte de receita (Space 2004, 3; Bagdali 2004, 8–9, 11; Nold 2007, 1).

Simultaneamente, as redes poderão operar ao nível da formação e qualificação dos recursos humanos, rentabilizando as equipas e os equipamentos existentes, conseguindo-se um melhor resultado para os bens culturais móveis, imóveis e imateriais (Agren 2002, 19; Camacho 2007, 4).

A gestão integrada de equipamentos é uma vantagem que não pode deixar de ser referida. Reservas, laboratórios de conservação e restauro poderão ser rentabilizados, apoiando todas as estruturas integrantes de determinada rede museológica.

## Referências

Agren, Per-Uno. 2002. “Reflexões sobre a Rede Portuguesa de Museus.” In *Fórum Internacional Rede de Museus - Actas*, 17–24. Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português de Museus.

- Ambrose, Timothy, e Crispin Paine. 1993. *Museum Basics*. London: Routledge.
- Ateljevic, Irene, e Stephen Doorne. 2007. *A Companion to Tourism*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Bagdali, Silvia. 2004. *Le Reti di Museo: L'organizzazione a Rete per i Beni Culturali in Italia e all'estero*. Milão: Egea.
- Bienzle, Holger, Esther Gelabert, Wolfgang Jutte, Katerina Kolyva, Nick Meyer, e Guy Tilkin. 2007. *The Art of Networking*. Wien: DieBerater.
- Buckley, David. 2007. "The European Route of Industrial Heritage and the Creation of Regional Routes." In *I Encontro de Museus do Douro - Actas*. Peso da Régua: Serviço de Museologia do Museu do Douro.
- Camacho, Clara Frayão. 2007. "O Modelo da Rede Portuguesa de Museus e Algumas Questões em Torno das Redes de Museus." In *I Encontro de Museus do Douro - Actas*. Peso da Régua: Serviço de Museologia do Museu do Douro.
- EIREST. 2011. *Colóquio Nouveaux Musées, Nouvelles Ères Urbaines, Nouvelles Mobilités Touristiques, Université de Paris 1 - Sorbonne*. Paris: Universidade de Paris 1.
- Fernandes, Carlos, e Goretti Silva. 2007. "The Cultural Tourism Market in Portugal." *Revista Turismo e Desenvolvimento* 7/8: 121-134.
- Gonçalves, Alexandra Rodrigues. 2007. "Museus, Turismo e Território." In *Congresso Internacional Região de Leiria e Oeste*. [s.l.]: [s.n.].
- Gonçalves, Alexandra. 2009. "Museus e Turismo." *Informação ICOM.PT* 4: 3-10.
- Graburn, Nelson. 1998. "Une Quête d'Identité." *Museum International* 50 (3): 13-18.
- ICOM. 2005. *Proposal for a Charter of Principles for Museums and Cultural Tourism*. [http://archives.icom.museum/prop\\_tour.html](http://archives.icom.museum/prop_tour.html)
- Jaoul, Martine. 1999. "Le Projet de Mise en Réseau des Musées Pyrénéens." *La Lettre de L'OCIM* 63: 25-29.
- Micheli, Francesca de. 2011. *Branded Museums in the Arab World: Is Tourism their Main Drive?* In *Colóquio Nouveaux Musées, Nouvelles Ères Urbaines, Nouvelles Mobilités Touristiques - axe 3: L'Évolution de la Pratique Touristique, Renvoyant a l'Horizon Hypermoderne de Lamixite des Pratiques et la Combinaison des Differences...*, Université de Paris 1 - Sorbonne. Paris: Universidade de Paris 1.
- Moore, Kevin. 1994. *Museum Management*. London e New York: Routledge.
- Nold, Carl. 2007. *New Networks Protect Historic Houses*. New England: [s.n.].
- OCDE. 2009. *The Impact of Culture on Tourism*. Paris: OCD Publishing.
- Rosenfeld, Raymond A. 2008. "Cultural and Heritage Tourism." In *Municipal Economic Development Tools*. Michigan: Michigan State University.
- Spaces. P. A. 2004. *Le Reti Museali: Dalla Teoria Alla Pratica*. Prato: [s.n.].

Texier, Simon, 2011. “Les musées d’Abu Dhabi: Écletsime, Sunthèse, Synchrétisme.” In *Colóquio Nouveaux Musées, Nouvelles Ères Urbaines, Nouvelles Mobilités Touristiques - axe 2: Le Musée et Ses Échelles d’Inscription, entre Icône Urbaine et Moteur de Développement Territorial*, Université de Paris 1 - Sorbonne. Paris: Universidade de Paris 1.

## PRESPECTIVAS

---

### «Viver em Estado de Crise»: Paradoxo ou Desafio?

*Sara Barriga, coordenadora do Museu do Dinheiro, Banco de Portugal*

A crise é por definição uma situação contextual e transitória, no entanto, nos últimos anos, os «estados de crise» têm uma presença constante na sociedade e no dia-a-dia do cidadão: na vida pessoal, nas famílias, no trabalho, na educação, no ambiente, na micro e macro economia. A própria palavra banalizou-se e o vocabulário relacionado com o conceito de crise ganhou espaço mediático.

Vivemos em permanente «estado de crise» o que poderia significar que a sociedade se diversifica e evolui, mercê das sucessivas «saídas das crises». Mas estaremos realmente numa fase evolutiva? Somos hoje suficientemente confiantes e criativos para vencer tais desafios? Estaremos preparados para reagir construtiva e emocionalmente aos desequilíbrios e perturbações decorrentes da instabilidade económica e cultural que hoje nos assiste?

Olhando para o passado e através da História verificamos que muitas das sociedades mais evoluídas foram aquelas que souberam aproveitar as situações de crise para provocar mudanças. Em contextos adversos desenvolveram conhecimentos, integraram as experiências nas suas narrativas e progrediram em prol do bem-estar dos cidadãos. Com efeito, as sociedades mais evoluídas aprenderam a antecipar as crises e investiram cada vez mais na preservação do conhecimento, na educação de espíritos críticos e na gestão sustentável dos seus recursos. Hoje reconhecem e valorizam o papel dos museus e das instituições culturais no ecossistema social e político e por isso protegem-nos, e a eles recorrem como agentes fundamentais na educação das gerações ao longo da vida, não apenas numa perspectiva de lazer e de contributo para o bem-estar, mas sobretudo, enquanto parte de uma estratégia integrada de construção do futuro.

Na realidade, todos os dias esperamos que a ciência e a tecnologia nos resolvam problemas, incrementem o bem-estar e as capacidades humanas para além do

imaginável, e, ainda, que contribuam para a regeneração do planeta. O impacto tecnológico é porventura aquele em que a previsão de cenários nos permite ser mais criativos e arrojados. Sabemos inclusive que apesar das convulsões sociais e dos efeitos negativos das crises, a cultura, a ciência, a tecnologia e a criatividade não cessarão o seu ritmo evolutivo. Aliás, talvez venham a ser estas áreas aquelas que alimentarão as utopias da sociedade, pois delas depende a esperança da sobrevivência do planeta, a nível global.

Acredito no potencial regenerador dos museus em contextos de crise porque assisto no terreno às transformações que advêm do contacto directo das pessoas com o Património, vejo como se renovam os olhares, se ampliam os conhecimentos, acontecem epifanias. Com isto quero dizer concretamente que a visita aos museus afecta de forma positiva a vida dos cidadãos porque cria pontes entre o indivíduo e o meio, contribui para a valorização da História e do Património, a tolerância e a inclusão, estimula a criatividade, inspira e promove a descoberta de «novos mundos».

A invenção que permite a evolução científica e tecnológica é alimentada pela curiosidade e pela perseverança, tanto quanto pelo conhecimento adquirido no passado. Não há criatividade sem conhecimento. Não existe mudança sem reflexão e pensamento crítico. É urgente que os governos assimilem estas evidências, sejam mais eficazes na gestão dos seus recursos e evitem o permanente «estado de crise», revejam as suas prioridades e invistam na cultura e na educação como bens catalisadores da inovação, da transformação e do desenvolvimento das comunidades. É urgente que a gestão política reconheça que os museus têm neste âmbito um contributo fundamental a prestar à sociedade.

---

### «Viver em Estado de Crise»: Paradoxo ou Desafio?

*Inês Ferreira, museóloga, Câmara Municipal do Porto*

**R**egressada de férias, deparo-me com elementos na paisagem urbana da cidade onde vivo que captam o meu olhar: uma fachada bonita, um edifício em ruínas, um jardim bem arranjado. Talvez tudo estivesse já assim antes de eu partir. Sair de um contexto para nele entrar de novo faz com que se olhe tudo como se fosse a primeira vez. Este é um dos desafios para nos abirmos à mudança e criatividade nos museus: olhar todos os dias a instituição como se a víssemos pela primeira vez. Habitamo-nos facilmente a rotinas, padrões e metodologias estabelecidas e temos de

nos desinstalar para descobrirmos novas formas de ligar as partes de um todo e de olhar esse todo.

Torna-se fundamental que quem trabalha num museu aprenda a olhar os programas, projectos, exposições e mesmo os colegas e os visitantes, como se fosse a primeira vez. Só assim cada um conseguirá descobrir novas relações, possibilidades e alternativas, novas formas de fazer, relacionar e ver. Criatividade tem a ver com isto mesmo, criar novas relações entre coisas que, quem sabe, já lá estariam!

Mas porque é que considero importante, em tempo de crise, abrir portas à criatividade nos museus? O Joaquim Jorge escrevia neste espaço de opinião do Boletim do ICOM Portugal, que «todas as crises obrigam os museus a encontrar novas soluções para antigos problemas» (série II, n.º 22, p. 13). Efectivamente, a literatura sobre criatividade refere repetidamente que os constrangimentos e a falta de meios são muitas vezes o propulsor da criatividade. Perante as dificuldades, há que procurar alternativas, resolver de outra forma, ver de outra perspectiva. Retomo uma frase da Ana Carvalho, noutra número do Boletim ICOM Portugal, que diz que «aquilo que pode ser visto como uma oportunidade também encerra ameaças» (série II, n.º 21, p. 10). É evidente que a falta de meios - financeiros ou humanos, autonomia de gestão - é actualmente uma ameaça enorme na gestão de um museu. Mas a falta de meios pode simultaneamente ser uma oportunidade. Ensinaram-me que devemos gastar mais energias a desenvolver as qualidades do que a combater os defeitos. Também na gestão de um museu, acredito ser mais eficaz o esforço empreendido em aproveitar oportunidades do que a luta, por vezes inglória, contra ameaças e falta de meios. Não que essa luta não deva ser travada, mas que o enfoque seja no aproveitamento das oportunidades. Que oportunidades se abrem então, nos museus, perante os constrangimentos actuais?

- Se não podemos contratar gente e as equipas de muitos museus não recebem sangue novo há dez, 15, por vezes 20 anos, poderemos pensar em formas novas de trabalhar com as pessoas que temos? Haver rotatividade nas tarefas desempenhadas por cada um? Reunir gente de áreas distintas e com perfis diversos, que nunca trabalharam juntas, em projectos comuns?
- Se não podemos renovar a exposição permanente, poderemos encontrar formas de nela integrar novas perspectivas e desafios? Renovar as tabelas e os textos, integrando olhares diferentes e até, porque não, contraditórios? Integrar objectos mediadores que nos desafiem a olhar de perto, longe, comparativamente, ou com a imaginação?
- Se não podemos contratar especialistas para a concepção e montagem de exposições temporárias, reduzindo-nos à *prata da casa*, poderemos encontrar formas de trazer gente de fora para colaborar? Envolver estagiários, voluntários, professores, jovens, reformados, a comunidade envolvente e trazer olhares diferentes para a concepção da exposição?

Criatividade num museu é, antes de mais, uma atitude. Uma gestão criativa encara as situações, as pessoas, os problemas e os projectos com um olhar divergente, questionador, aberto ao erro, desinstalado.

## ENTREVISTA

---

### Com Maria João Vasconcelos

*Por Clara Frayão Camacho, museóloga, Direção-Geral do Património Cultural*

*Maria João Vasconcelos é directora do Museu Nacional Soares dos Reis (Porto) desde 2006. Licenciada em História e Conservadora de Museu, tem uma vasta e diversificada experiência profissional em Museologia e Património, designadamente como conservadora no Museu de Lamego, directora do Museu Alberto Sampaio (Guimarães) e directora do Departamento de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto.*

**Clara Camacho (CC)** - Em 2011, numa mesa-redonda sobre os museus nacionais, organizada pela revista *Museologia.pt*, a Maria João Vasconcelos afirmava: «É muito importante que, sendo os museus nacionais territórios onde existem bens públicos, esses bens públicos estejam à disposição do público» (n.º 5, p. 152). Gostaria que concretizasse, no caso do Museu Nacional Soares dos Reis, o que tem sido feito para atingir este objectivo.

**Maria João Vasconcelos (MJV)** - O Museu Nacional de Soares dos Reis tem particular responsabilidade nesta afirmação, uma vez que é o primeiro museu público de arte, fundado por D. Pedro IV e criado exactamente, no meu entender, para que os bens artísticos provenientes de conventos e «confiscados» em clima de guerra civil, fossem postos ao serviço do público, na ocasião, com especial enfoque no ensino artístico. Este facto, e toda a história do museu, têm sido inspiradores para uma reflexão sobre as formas diversas como ao longo de 180 anos se tem desenvolvido essa preocupação ou objectivo inicial.

Ao partilhar com o público esta questão, quer sob a forma de exposição quer demonstrando na prática que esta preocupação não é meramente teórica, mas que, na prática, o museu está aberto à participação real de todo o público na procura de formas de usufruir desse Património, têm-se dado passos que me parecem importantes para

mudar a atitude passiva de mero receptor das acções que o museu disponibiliza, para uma atitude progressivamente mais participativa com consciência de que, quer o espaço quer as colecções, nos pertencem a todos. É assim que se vai encontrando cada vez com maior naturalidade a participação de várias organizações e pessoas individuais na programação da vida do museu, articulando-se com a estrutura técnica e administrativa no seu dia-a-dia.

**CC - Algumas iniciativas a que o Museu Nacional Soares dos Reis se tem associado evidenciam uma gestão com um rumo muito próprio na abertura deste museu à sociedade. Por exemplo, em Dezembro de 2013 decorreu no auditório do museu uma assembleia, organizada por pessoas em situação de sem abrigo, que juntou cerca de 300 participantes num debate em torno dos problemas e das soluções para esta população. Que motivos levaram o museu a associar-se a esta iniciativa? Qual foi o papel do museu?**

MJV - No caso deste encontro, o museu correspondeu a uma solicitação da organização que procurava um espaço com características que fossem propícias à participação no debate. Causou alguma estranheza num primeiro momento a naturalidade com que encarámos de imediato essa possibilidade e penso que isso foi decisivo para que na sequência do sucesso desse encontro se tivesse já realizado um segundo aqui no museu, de novo.

O encontro juntou os vários intervenientes nas questões que os organizadores identificaram como essenciais para tentar encontrar soluções, ou seja, as próprias pessoas em situação de sem abrigo e as instituições ou organizações a quem foram colocadas questões relativamente às quais, no entender dos primeiros, aquelas entidades poderiam ser parte na solução.

O facto de se realizar no museu, foi também importante na programação do dia, tendo sido escolhidas manifestações consideradas, pela organização, adequadas ao local, ou seja, demonstrativas das preocupações culturais dos próprios participantes que decidiram ler poesia, alguma da sua autoria, tocar e cantar e mesmo iniciar a sessão, associando a sua situação a uma frase de Soares dos Reis, de revolta e mal estar com a incompreensão da sociedade nos últimos tempos da sua vida que terminou tragicamente.

O papel do museu foi muito discreto no decorrer do dia, tendo sido evidente no segundo encontro um maior à vontade dos participantes que aqui voltaram e se mostravam já «em casa» acolhendo os que vinham pela primeira vez.

**CC - O Museu Nacional Soares dos Reis também acolheu em Outubro de 2013 a cerimónia oficial do Dia Mundial da Saúde Mental e a exposição *Saúde Mental e Arte - Formas de Expressão Plástica*. Que antecedentes estiveram a montante do envolvimento do museu nestas actividades?**

MJV - Já há bastantes anos que há uma colaboração regular do museu com o Hospital Magalhães Lemos com a realização de oficinas de cerâmica no espaço de oficinas do museu. Os utentes do hospital, em tratamento ambulatorio, vêm semanalmente ao museu com um monitor ceramista que aqui faz um trabalho aberto também a outros participantes.

Esta interacção foi evoluindo num sentido muito interessante, passando estes utentes a ser monitores, eles próprios, nas oficinas que o museu disponibiliza nas visitas com público escolar infantil. Do mesmo modo, as oficinas foram alargadas a público sénior, inicialmente em colaboração com uma junta de freguesia. Esta actividade veio mesmo a ser o embrião de uma exposição itinerante de cerâmica *Gerês em 15x15* pelos vários municípios do Gerês, terra inspiradora dos trabalhos expostos.

O bom resultado de integração dos utentes do Hospital Magalhães Lemos e o excelente entendimento com os responsáveis pelas actividades de Artes Plásticas, Música ou Teatro e com os responsáveis pelos vários serviços do hospital foram criando uma prática que se traduziu na utilização habitual do espaço do museu e participação nas suas actividades. Este exemplo alargou as solicitações a muitas outras entidades ligadas aos problemas da saúde mental e envelhecimento que lidam com as questões de exclusão e encontram no museu um parceiro interessante. De momento são muitas as visitas e oficinas com várias entidades.

Foi relevante a organização da programação do Dia Internacional dos Museus em 2013, feita a partir de uma proposta do enfermeiro chefe do Hospital Magalhães Lemos, com todas estas entidades e coordenada com outros parceiros do museu.

Na sequência desta actividade tem havido colaboração com o Serviço Nacional de Saúde Mental que organizou então em Outubro a referida actividade trazendo a exposição que foi um excelente motivo para que a discussão se situasse no próprio campo artístico. Esta colaboração foi já alargada e o museu esteve mesmo presente numa actividade daquele serviço em Portalegre.

**CC - Em que medida estas acções se enquadram na relação do museu com a cidade do Porto? E na missão do museu, enquanto «museu nacional»?**

MJV - Estas acções não se podem isolar da restante actividade do museu. São parte da afirmação prática de que todos são público do museu. A estes exemplos poderíamos somar outros de pessoas com quem é também importante estabelecer os elos necessários para que se possam sentir «em casa» no museu. É muitas vezes curiosa a forma como descobrimos que pessoas com outro estatuto vêm ao museu por ocasião de uma realização lateral à actividade do próprio museu e nunca aqui tinham entrado. A partir daí, se se sentirem aqui bem, voltam já de outra forma.

Antes de pensar na missão específica de «museu nacional», mesmo só como museu, esta afirmação muito clara de que se considera muito importante este esforço de integração de público menos habitual, implica um esforço equivalente na qualidade dos serviços que lhe são disponibilizados. A insistência na importância da investigação, quer através da actividade interna dos técnicos do museu, quer na colaboração com quem nos pode dar suporte específico, que se tem traduzido numa enorme colaboração com várias áreas universitárias muito especialmente com a Universidade do Porto, mas também com museus e centros de investigação portugueses e estrangeiros, são disso testemunho claro. Da mesma forma, a preparação de propostas de remodelação da exposição permanente e do Serviço de Educação têm como objectivo que esta ligação ao público se faça de forma sustentada e qualificada.

Quanto à missão do «museu nacional», penso que, para além de evidenciar a importância histórica da instituição, do significado nacional ou artístico das suas colecções e do edifício em que está instalado, o museu deve constituir um ponto de apoio numa estrutura que, embora prevista na lei, tem demorado a ser implementada.

### **CC - Que balanço faz da acção do Museu Nacional Soares dos Reis na promoção destas e de outras actividades afins?**

MJV - É sempre difícil ser juiz em causa própria, porque, mais conscientes das dificuldades e obstáculos que temos que ultrapassar, temos tendência a valorizar os resultados que, apesar disso, vamos conseguindo. A grande preocupação é de conseguir um equilíbrio entre todas as frentes e, por vezes, as questões menos aparentes mas essenciais para que as coisas funcionem, ocupam-nos de tal forma que vão ficando em projecto muitas coisas que quereríamos ver implementadas de imediato.

Apesar de tudo o que falta fazer penso que a ligação com as pessoas é real e as respostas têm sido fantásticas. Parte daqueles que poderiam ser só público são neste momento também motor do museu.

## PUBLICAÇÕES

---

### Sugestões de leitura

A selecção bibliográfica que elencamos incide sobre a temática escolhida para os Encontros de Outono do ICOM Portugal: *Museus e Gestão: Novas Pontes para a Sociedade*. Esta lista não pretende ser exaustiva, mas sugere algumas pistas de leitura para explorar o tema.

Augusto, Carlos Alberto. 2014. *Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Breve resumo no blogue de Rogério Santos: <http://industrias-culturais.blogspot.pt/>

Barandiaran, Karmele, e Igor Calzada. 2012. “Hacia una Gestión de Museos en Red (GMenRed)?: Postcrisis, Benchmarking y Gipuzkoa.” Comunicação apresentada no VIII Congresso *El Futuro de los Proyectos Patrimoniales y Museísticos: Innovaciones en Tiempos de Crisis*, 18 y 19 de Octubre de 2012. Donostia-San Sebastian: Universidade do País Basco.

Bunnik, Claartje, ed. 2013. *Tried and Tested Partnerships: Report by the Asscher-Vonk II Steering Committee*. Amsterdam: The Netherlands Museums Association, Association of National Museums e Network of European Museum Organisations. Disponível em: <http://www.museumvereniging.nl/>

Cândido, Manuelina Maria Duarte. 2013. *Gestão de Museus, um Desafio Contemporâneo: Diagnóstico Museológico e Planeamento*. Porto Alegre: Medianiz.

Dysthe, Olga, Nana Bernhardt, e Line Esbjørn. 2013. *Dialogue-based Teaching the Art Museum as a Learning Space*. Copenhaga: Skoletjenesten. Mais informações em: <http://www.skoletjenesten.dk/>

Fortuna, Carlos, e Rogério Proença Leite, orgs. 2013. *Diálogos Urbanos: Território, Culturas, Patrimónios*. Coimbra: Livraria Almedina. Mais informações em: <http://www.ces.uc.pt/>

Lipovetsky, Gilles e Jean Serroy. 2014. *O Capitalismo Estético na Era da Globalização*. Lisboa: Edições 70. Alguns conteúdos visualizáveis em: <http://books.google.pt/>

Mairesse, François. 2010. *Le Musée Hybride*. Paris: La Documentation Française. Há uma edição espanhola de 2012 (*El Museo Híbrido*). Pequeno resumo no blogue: <http://musee-oh.museologie.over-blog.com/>

Nicholls, Ann, Manuela Pereira, e Margherita Sani, eds. 2013. *LEM Report 7: New Trends in Museums of the 21<sup>st</sup> Century*. [S.l.]: LEM Project. Disponível em: <http://www.lemproject.eu/>

Norris, Linda, e Rainey Tisdale. 2013. *Creativity in Museum Practice*. Walnut Creek, California: Left Coast Press. Leia o blogue das autoras sobre o livro: <http://creativityinmuseumpractice.wordpress.com>

Sancho Querol, Lorena. 2013. “Para uma Gramática Museológica do (re)conhecimento: Ideias e Conceitos em Torno do Inventário Participado.” *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 25: 165–188. <http://ler.letras.up.pt/>

Santacana i Mestre, Joan, e Nayra Lionch Molina. 2012. *Manual de Didáctica del Objeto en el Museo*. Gijón: Ediciones Trea. Mais informações em: <http://www.trea.es/>

Simon, Nina. 2010. *The Participatory Museum*. Santa Cruz, Califórnia: Museum 2.0. Disponível em: <http://www.participatorymuseum.org/>

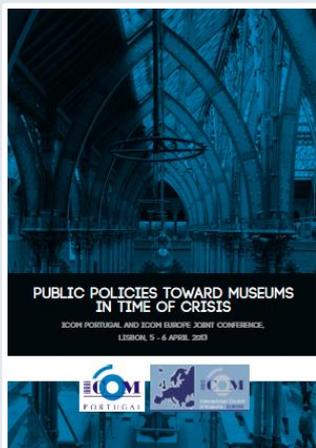
Sola, Tomislav. 2012. *La Eternidad Ya no Vive Aquí: Un Glosario de Pecados Museísticos*. Girona: Institut Català de Recerca en Patrimoni Cultural (ICRPC). Índice disponível em: <https://www.documentauniversitaria.cat/>

Vagnone, Franklin (entrevistado) e Kendra Danowski (entrevistadora). 2014. “Franklin Vagnone on Historic House Museums Breaking the Rules.” *ArtsFwd*. Disponível em: <http://artsfwd.org/franklin-vagnone/>

Varine, Hugues de. 2012. *As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local*. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta: Porto Alegre: Medianiz. Sobre o livro pode ler a recensão crítica de Graça Filipe na revista MIDAS: <http://midas.revues.org/>

Vlachou, Maria. 2013. *Musing on Culture: Management, Communications and Our Relationship with People*. Lisboa: Bypass Edition. Sobre o livro pode ler a recensão crítica de Dália Paulo na revista MIDAS: <http://midas.revues.org/>

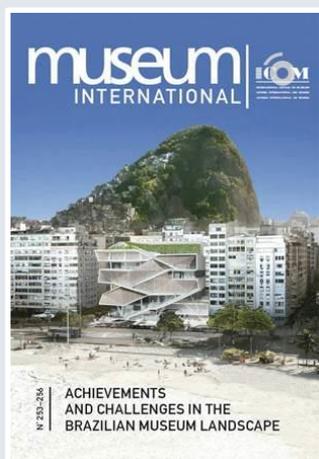
## Novas edições 2014



*Public Policies Toward Museums in Times of Crisis*, coord. Luís Raposo e Flóra Berei-Nagy, edição ICOM Portugal e Mapa das Ideias.

Publicação das actas da conferência *Public Policies Toward Museums in Times of Crisis*, organizada pelo ICOM Portugal (anterior direcção) e pelo ICOM Europa nos dias 5 e 6 de Abril de 2013 no Museu Nacional de Etnologia em Lisboa. A conferência promoveu a troca de experiências e conhecimentos sobre políticas museológicas e o impacte da crise financeira, económica, social e cultural na Europa.

Na sequência deste encontro foi redigida a Declaração de Lisboa que esteve, por sua vez, na base da Resolução n.º 6 «Viabilidade e Sustentabilidade dos Museus no âmbito da Crise Financeira Global» adoptada em 2013 pelo ICOM na Conferência Trienal do Rio de Janeiro. A publicação, em formato digital, está disponível em linha através do Issuu ou do website do ICOM Portugal.



*Museum International* «Achievements and Challenges in the Brazilian Museum Landscape» (issue 1, 2014), edição do ICOM.

A revista *Museum International* é publicada pela UNESCO desde 1948. Em 2013 essa responsabilidade passou para o ICOM. O primeiro número já sob a alçada do ICOM é dedicado aos museus brasileiros, incluindo 11 artigos. Adriana Mortara Almeida, editora-chefe deste número sublinha: «[...] *this issue reveals the striking development in museum policies in Brazil and the initiatives to serve visitors better, by ensuring public participation in the design of museum proposals and improving communication processes and the quality of the services offered. The picture presented is positive and optimistic, although the articles also deal with challenges and obstacles that must be faced.*»

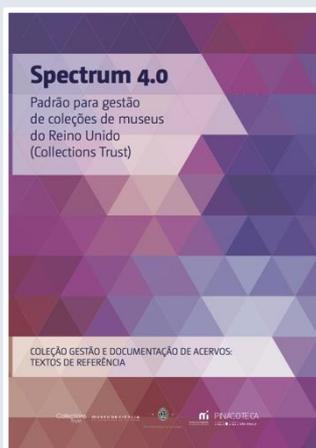
Os novos números da *Museum International*, assim como os anteriores estarão em breve acessíveis em formato digital para os membros do ICOM através da plataforma [ICOMMUNITY](#). Mais informações no [website do ICOM](#).



*Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objectos de Museus: Categorias de Informação do Comité Internacional de Documentação (CIDOC - ICOM). Coleção Gestão e Documentação de Acervos: Textos de referência. São Paulo, 2014.*

Esta publicação traduz para português dois importantes documentos de referência para a área de documentação produzidos no seio do CIDOC (Comité Internacional do ICOM para a Documentação). A responsabilidade é do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, da Pinacoteca do Estado de São Paulo e da Secretaria de Cultura daquele Estado brasileiro, em colaboração com o CIDOC.

A *Declaração de Princípios de Documentação em Museus* pretende elencar alguns princípios fundamentais para a organização da área de documentação nos museus e é, desde a Conferência Trienal de 2013 no Rio de Janeiro, um documento oficial do ICOM. As *Categorias de Informação* do CIDOC são um dos documentos normativos mais utilizados e referenciados na construção de sistemas de documentação a nível internacional e foram publicados, na versão original, em 1995, constituindo desde então um dos mais importantes documentos na área normativa para os museus. [por Alexandre Matos]



*SPECTRUM 4.0. Padrão para Gestão de Coleções de Museus do Reino Unido (Collections Trust). Coleção Gestão e Documentação de Acervos: Textos de referência. São Paulo, 2014.*

Publicada pela primeira vez em 1994 pela MDA (Museum Documentation Association), a norma *SPECTRUM: The UK Museum Documentation Standard*, no seu título original, tem sido, ao longo das últimas décadas, o documento normativo de referência para a gestão e documentação de colecções em museus no Reino Unido. Em 2011, já sob a responsabilidade da Collections Trust, organismo que substituiu a MDA na gestão e desenvolvimento da norma, foi publicada a sua quarta versão, agora traduzida para português numa parceria que envolveu o titular da licença internacional para o território português, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e os parceiros brasileiros da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Museu do Café, em Santos, e do Instituto de Arte Contemporânea. Esta parceria contou com o apoio da Collections Trust.

A tradução da norma SPECTRUM para português permitiu a constituição de um grupo de trabalho entre os dois países com o objectivo de divulgar e promover a utilização da norma em Portugal, no Brasil e em todos os países lusófonos. Os resultados desta iniciativa podem ser consultados no *website* do [SPECTRUM PT](#), a partir do qual será também disponibilizada a versão portuguesa desta norma.  
[por Alexandre Matos]

Encontra uma lista actualizada de novas publicações na [base de dados do ICOM](#) (desde *newsletters* dos vários comités a monografias), na [Routledge](#) (editora internacional de livros académicos, revistas e recursos em linha no âmbito das ciências sociais), na [MuseumsEtc](#) (editora independente com base em Edimburgo e em Boston), na [Museum-ID](#) (editora independente sediada no Reino Unido). Veja ainda a série [On Museums](#) editada por *The Inclusive Museum* (Illinois, EUA), entre outras.

## NOTÍCIAS ICOM

### Projectar em Rede, Trabalhar em Parceria 5.ª Jornada de Trabalho das Casas-Museu em Portugal

*Maria de Jesus Monge, directora do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança*

No dia **21 de Fevereiro** de 2014, na Casa de Santa Maria em Cascais, realizou-se a 5.ª Jornada de trabalho das Casas-Museu em Portugal. O tema escolhido foi *Projectar em Rede, Trabalhar em Parceria* e o programa desenvolvido pretendeu promover o conhecimento de algumas experiências nacionais para, independentemente da tipologia de museu, realçar a importância das redes.



DEM HIST Cascais 2014 © Maria do Carmo Rebelo de Andrade

Estas jornadas têm vindo a ser organizadas por alguns profissionais - membros do ICOM - que entendem ser importante fazer a ponte entre a reflexão internacional, designadamente no seio DEMHIST (Comité Internacional para Museus em Casas Históricas) e a realidade nacional. Não sendo uma tipologia muito numerosa, as casas-museu conhecem uma dinâmica e visibilidade assinaláveis, fruto da abrangência temática, social, cronológica e geográfica que as caracteriza.

A Câmara Municipal de Cascais tutela uma rede significativa de entidades museológicas, entre as quais contam-se várias casas-museu. A proposta de acolher a quinta edição das jornadas foi avançada por Maria do Carmo Rebelo de Andrade (Divisão de Animação, Promoção e Patrimónios Culturais) que, entusiasticamente, desenvolveu contactos e articulou com colegas da instituição e do DEMHIST para garantir o sucesso da iniciativa.

O encontro promovido em Cascais coincidiu propositadamente com uma reunião de direcção do DEMHIST. A actual direcção integra duas profissionais portuguesas, Elsa Rodrigues da Casa-Museu João de Deus (Lisboa) e Maria de Jesus Monge do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (Vila Viçosa), que aproveitaram para apresentar o trabalho aqui desenvolvido. Simultaneamente, foi ocasião para o presidente do comité, John Barnes, director dos Historic Royal Palaces britânicos, falar sobre os diferentes monumentos que gere. John Barnes realçou a maximização de recursos, nomeadamente ao nível dos recursos humanos e de conservação, possibilitada pela estrutura administrativa transversal.

O tema *Projectar em Rede* foi tratado por Dália Paulo, chefe de Divisão de Cultura e Património e directora do Museu Municipal de Loulé, que apresentou o trabalho de gestação e desenvolvimento da Rede de Museus do Algarve (RMA). A comunicação com o título «Um Caminho de Utopia: a Rede de Museus do Algarve» ilustrou o processo que conduziu à materialização de um sonho alimentado pelos profissionais da região. Esta rede define-se como uma estrutura informal, que inclui museus municipais, entidades museológicas do Estado (p. ex. Museu da Marinha) e privadas (p. ex. Museu do Trajo de São Brás de Alportel), bem como projectos museológicos em constituição, que pretendem envolver-se nas actividades da RMA.

A directora da Rota do Românico, Rosário Correia Machado, apresentou a rota e falou sobre «Património Cultural: Elemento Agregador de Desenvolvimento». Este projecto supramunicipal implantou-se no território do Tâmega e Sousa, a partir da rica herança patrimonial de origem românica, visando criar um «produto turístico e cultural de excelência». O sucesso desta proposta resulta da conjugação das potencialidades locais, com uma gestão inteligente e ousada, assente em parcerias diversificadas, designadamente com o tecido social local.

O dia de trabalhos terminou com um debate sobre «Redes e Turismo», moderado por Maria de Jesus Monge, com a colaboração activa das oradoras, que responderam a inúmeras perguntas suscitadas pelos participantes.

Após a conclusão dos trabalhos, houve ainda oportunidade de visitar a Casa de Santa Maria com Ana Isabel Machado, confirmando pela respectiva história e funções actuais definidas pela autarquia, que esta Casa configura um caso paradigmático de adaptação de edifícios singulares a funções museológicas.

## Planear e Programar Museus

### XI Jornadas da Primavera do ICOM Portugal

*Graça Filipe, museóloga, Câmara Municipal de Tomar*

Correspondendo ao programa das XI jornadas da Primavera, em **31 de Março** de 2014, o ICOM Portugal realizou em Lisboa um encontro científico sobre *Planear e Programar Museus: Criar Conexões, Envolver a Sociedade, Construir uma Visão Cultural para o Desenvolvimento*. A iniciativa confirmou a pertinência e a grande oportunidade de reflectir e debater aquela problemática e o papel social dos museus, através do elevado



Apresentação de Gail Lord, XI Jornadas da Primavera 2014 © Marta C. Lourenço

número de participantes, cerca de centena e meia, principalmente profissionais e alguns responsáveis por tutelas de museus.

A organização do encontro coube à anterior direcção do ICOM Portugal, contando com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que acolheu os participantes em duas salas, na segunda das quais proporcionando a projecção vídeo, em tempo real, das apresentações dos palestrantes. Foi igualmente feito o registo vídeo do encontro para o arquivo do ICOM Portugal.

A programação do ICOM Portugal para o encontro propunha-se, através de uma abordagem teórica e prática sobre a planificação e a programação dos museus, reforçar a indispensabilidade da planificação estratégica de projectos culturais protagonizados por museus ou em que estes estão implicados, ajudando a construir uma visão cultural para a sociedade contemporânea - em que o património e os acervos museais constituam recursos efectivos de processos de desenvolvimento integrado. Pretendia igualmente reforçar a importância da actuação dos profissionais no universo patrimonial e museológico e a necessidade de que sejam reconhecidos profissionalmente, em conjugação com outros especialistas, na planificação e na programação de museus, com o envolvimento de equipas em quantidade e qualidade adequadas às conexões com a sociedade e as comunidades de pertença do património.

O programa contou com duas componentes complementares, em termos de participação de palestrantes convidados, com que se esperava trazer à reflexão experiências e conhecimentos diversificados, de diferentes terrenos teóricos e práticos, a fim de poder suscitar um debate abrangente, usando duas línguas de trabalho ao longo do encontro: o português e o inglês.

Na primeira parte, Gail Lord, do Canadá, fez uma apresentação intitulada «[Como Planear e Posicionar Museus em Tempos de Mudança Cultural](#)» (*How to Plan and Position Museums in Times of Cultural Change*), abordando os conceitos e as práticas de cultura e de mudança cultural, dando vários exemplos desenvolvidos pelo grupo empresarial Lord Cultural Resources sob o lema de criação de capital cultural através do planeamento especializado de museus e património cultural.

A segunda parte consistiu num painel de intervenções extremamente variadas, em função do perfil dos oradores e das perspectivas por que exploraram a problemática em análise. Foram eles Álvaro Garrido, programador do Museu Marítimo de Ílhavo, Suzanne Cotter, directora do Museu de Serralves, João Castelo-Branco Pereira, director do Museu Calouste Gulbenkian e Manuelina Maria Duarte Cândido, docente de Museologia da Universidade Federal de Goiás.

O debate, alargado à ampla assistência, foi relativamente participado, conquanto condicionado pelo tempo disponível, uma vez que, inerentemente ao carácter destas jornadas, de um só dia, ao encontro científico se seguisse ainda a assembleia-geral da organização. Constataram-se algumas preocupações dominantes entre profissionais e

também entre apoiantes de museus, por exemplo activistas de grupos de amigos, em relação às dificuldades, não apenas respeitantes ao financiamento dos museus, mas à definição de políticas públicas coerentes com as exigências consensualizadas, nos planos internacional e nacional, de planeamento e de programações que assegurem qualidade dos serviços dos museus e do património e inovação nas suas práticas, cumprindo a sua função social.

### *Study Days on Venetian Glass*

*Maria João Botelho Moniz Burnay, conservadora, Palácio Nacional da Ajuda*

Em representação do Palácio Nacional da Ajuda participei no *Study Days on Venetian Glass; Higher Education Course; Approximately 1700*, que decorreu nos dias **2, 3 e 4 de Abril** de 2014 no Palazzo Francheti em Veneza (Itália), com o apoio de uma bolsa concedida pelo ICOM Portugal.

O curso foi promovido pelo Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti em colaboração com a AIHV (Association Internationale pour l'Histoire du Verre - National Italian Committee), o LAMA (Laboratório Análise Materiali, Antichi dell'Università IUAV) e o Museo del Vetro - Fondazione Musei Civici Venezia. Teve o apoio do Corning Museum of Glass, da École du Louvre, da Fondazione Musei Civici di Venezia, do Institut national du patrimoine, da Venice International Foundation e do Victoria & Albert Museum, incluindo a participação da UNESCO Regional Bureau for Science and Culture in Europe.



Visita de estudo, Veneza, 2014 ©  
Maria João Burnay

No curso participaram 40 profissionais/especialistas na área do vidro de toda a Europa e dos Estados Unidos, nomeadamente conservadores e investigadores, historiadores de Arte, investigadores privados, conservadores restauradores, arqueólogos, antiquários e colecionadores.

O *Study Days on Venetian Glass* é um encontro que tem vindo a realizar-se anualmente, desde 2011. Um [programa](#) diversificado de três dias de estudo foi constituído por seminários, visitas (p. ex. Palazzo Mocenigo, Basilica di San Marco, Scuola del Vetro Abate Zanetti e Museo del Vetro di Murano) e demonstrações práticas das técnicas antigas, de relatórios e de palestras dos professores e dos participantes, actividades que fazem do evento um dos mais importantes do género a nível

internacional. O curso proporcionou uma oportunidade de estudar e debater com ampla troca de conhecimentos e experiências entre os intervenientes.

Os temas do curso têm sido abordados por ordem cronológica. Como este ano de 2014 foi dedicado ao período do *Setecento*, o alinhamento das conferências foi composto principalmente por temas sobre a produção vidreira Muraneza daquele período, sublimando a importância de Veneza como grande centro europeu da indústria vidreira e a exportação maciça que empreendeu no séc. XVIII, designadamente os modelos, as formas, as funções e as técnicas de fabrico. No entanto, houve abordagens sobre outros períodos da produção artística, incluindo conferências no âmbito da química do vidro, uma área em expansão que se revela um complemento importante da História de Arte e do estudo do vidro. Entre outras perspectivas, é fundamental para a datação e conhecimento de fórmulas, métodos e pigmentos utilizados na fabricação vidreira ancestral. Outro aspecto é o que se relaciona com o mercado paralelo de peças falsas: a química pode ser determinante para a deteção das falsificações que actualmente se executam de uma forma exímia.

No âmbito deste encontro apresentei uma comunicação com o título «Palácio Nacional da Ajuda and it's Murano Glass collection», em que explanei sobre o historial do palácio e sobre a sua construção, nomeadamente os interiores oitocentistas Napoleão III praticamente inalterados e a vivência da corte portuguesa. Referi também, em traços gerais, a colecção de vidros, que congrega cerca de 12 500 objectos, na grande maioria dos casos da segunda metade do séc. XIX e inícios do séc. XX, incorporados principalmente no período de permanência dos reis D. Luís I e de D. Maria Pia de Sabóia (1862–1910).

Desde o *DE VITRO - 1.º Encontro do Vidro*, promovido pelo Palácio Nacional da Ajuda em Novembro de 2011, com a participação de alguns especialistas nacionais e estrangeiros onde obtivemos excelente aceitação por parte de estudiosos e do público, o interesse e a curiosidade pela colecção de vidros tem vindo a aumentar. Pela sua qualidade e características deve continuar a ser estudada e divulgada, não só em Portugal como no estrangeiro. A formação contínua para todos os que se interessam pela área do vidro é fundamental, pois o conhecimento sobre a história, o fabrico e a química do vidro está praticamente confinado a um grupo muito restrito de conhecedores e curiosos.

## Dia Internacional dos Museus em Maputo

*Pedro Pereira Leite, museólogo, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra*

O Museu de História Natural da Universidade Eduardo Mondlane (Maputo, Moçambique), dirigido por Lucília Chukela, foi em 2014 o centro das actividades do **Dia Internacional dos Museus**. Foi neste contexto que se realizou um seminário de um dia sobre *Museologia e Inovação social: os Museus Criam Conexões*, no qual participaram cerca de 60 colegas e estudantes.



*Museologia e Inovação Social, Universidade Eduardo Mondlane, 2014 © Pedro Pereira Leite*

No âmbito do seminário debateu-se a possibilidade dos colegas moçambicanos criarem a sua comissão nacional do Conselho Internacional do Museus, tendo-se sugerido que tomassem a iniciativa de convocar uma reunião constitutiva. Foi ainda discutido e apresentado um documento base para estabelecer um protocolo de colaboração entre o ICOM Portugal e o Departamento de Museus da Universidade Eduardo Mondlane, com o objectivo de servir de plataforma colaborativa até à constituição do ICOM Moçambique.

As dificuldades de uma comissão nacional moçambicana estão relacionadas com a percepção da sua utilidade para os profissionais de museus. Trata-se de uma situação que apenas os colegas moçambicanos poderão resolver. Contudo, como verificámos, no campo da troca de experiências e na capacitação profissional, há condições para ir talhando caminhos que permitam a concretização das vontades de encontro.

Esta foi a primeira actividade no âmbito das relações entre a nova comissão nacional do ICOM Portugal e os profissionais de museus da lusofonia com o objectivo de dar continuidade aos trabalhos de Graça Filipe e de Luís Raposo da anterior direcção. Procurámos estabelecer pontos de cooperação com os colegas de Moçambique e reforçar os estímulos internacionais à criação da comissão nacional. É necessário aumentar a visibilidade da cultura dos países lusófonos no Conselho Internacional de Museus. Todavia, o nosso principal interesse é criar conexões entre profissionais para facilitar o encontro e a partilha de conhecimentos e experiências.

Em Maputo reencontrámos antigos colegas, tais como Alda Costa, Lucilia Chuquela, David Inoke ou Matilde Muchoa, mas esta visita permitiu conhecer uma nova geração de profissionais que procuram uma carreira nesta exigente disciplina: Rafael Bordalo Mouzinho e Larsen Vales são, entre outros, alguns exemplos.

A figura da museóloga Alda Costa é incontornável na *nova museologia* moçambicana, que dirige o Departamento de Museus da Universidade Eduardo Mondlane desde 2011. No edifício da reitoria criou-se um espaço museológico que apresenta uma pequena colecção de obras de artistas no âmbito das artes visuais moçambicanas. A gestão da galeria tem vindo a dar particular atenção ao desenvolvimento de actividades no âmbito da educação para a arte, quer para alunos da universidade, quer na sua ligação com a comunidade no bairro Polana-Caniço. A Universidade Eduardo Mondlane tem a seu cargo vários museus, mas não tem uma oferta formativa nas áreas da Museologia e do Património. O trabalho desta galeria é uma aposta dos colegas para ultrapassar essa situação e sensibilizar a universidade para a transversalidade da Museologia.

A Universidade Eduardo Mondlane é responsável pelo complexo de museus na baixa de Maputo, que integra a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, que, em paralelo com o espólio de história militar, procura criar uma dinâmica de museus de arte contemporânea; e o Museu da Moeda, que está a ser reestruturado. Trata-se de uma zona da cidade que está em forte dinâmica de revitalização, perspectivando-se que os museus venham a desempenhar um papel relevante na oferta de serviços culturais.

Também na baixa de Maputo, foi recentemente concluído o edifício para o futuro Museu das Pescas, que se encontra em fase de instalação museográfica e que tivemos a oportunidade de visitar. Este museu está a ser apoiado pelo antropólogo português Luís Martins e conta com um protocolo de colaboração com o Ministério da Agricultura em Portugal.

## Novas Tendências em Museologia

### 37.º Simpósio Anual do ICOFOM

*Agostinho Ribeiro, director do Museu Grão Vasco*

Decorreu em Paris entre 5 e 9 de Junho de 2014 o 37.º simpósio anual do ICOFOM (Comité Internacional para a Museologia), sob o tema geral das novas tendências que à Museologia se colocam em todo o mundo. Um vasto painel de oradores, repartidos por perto de uma centena de sessões plenárias e paralelas, enriqueceu profusamente este simpósio, que contou com a presença de cerca de 200 participantes, oriundos dos vários quadrantes geográficos do planeta.



Anfiteatro LIARD, Universidade da Sorbonne, simpósio ICOFOM 2014 © Agostinho Ribeiro

A DGPC (Direção-Geral do Património Cultural) esteve presente através do director do Museu Grão Vasco (Viseu) que, na oportunidade, também representou o ICOM Portugal, tanto no simpósio em causa, como na assembleia-geral do ICOFOM, que se lhe seguiu, e do qual é membro efectivo.

Na impossibilidade de reflectirmos, nesta breve nota informativa, sobre todas as importantes intervenções que foram apresentadas ao longo dos três dias do encontro, e não devendo correr o risco de imprecisão no tratamento equilibrado das mesmas, ficaremos por uma breve apreciação geral, mais focalizada na apresentação dos temas gerais de cada uma das sessões paralelas, apenas com uma excepção para a comunicação plenária de Jesús Pedro Lorente - «Da Nova Museologia à Museologia Crítica: Uma Reivindicação dos Discursos Interrogativos, Plurais e Subjectivos». Este destaque é devido pela única razão de ter sido por intermédio desta comunicação que o processo histórico da *nova museologia*, em Portugal, bem como o papel e os contributos decisivos e incontornáveis de alguns museólogos portugueses na construção dos seus conceitos e no desenvolvimento das práticas museológicas com ela relacionada (a nível mundial, sobretudo na América Latina), foram merecidamente divulgados neste simpósio.

Esta grata constatação serve também para a introdução de um dos temas abordados nas sessões paralelas, «a Geopolítica da Museologia», em que alguns diagnósticos, estudos e considerações teóricas sobre as boas práticas museológicas, sobretudo referentes às realidades espanhola e francesa, foram publicamente apresentados. Outros temas gerais se lhe seguiram ao longo dos dias, com especial realce para as áreas da «Ética do *Museal* no Século XXI»; os «Estudos sobre os Públicos, Educação e Comunicação nos Museus»; «Museologia Participativa» e, evidentemente, «Por uma Epistemologia da Museologia», em que o conhecimento e os saberes museológicos possam e devam ser permanentemente questionados e validados.

As excelentes comunicações a que assistimos, infelizmente não todas as que foram apresentadas, uma vez que era humanamente impossível estar em todas as sessões ao mesmo tempo, requerem agora a indispensável divulgação em acta, ou a sua publicitação via internet, o que aguardamos com muita expectativa.

De realçar ainda que, logo no primeiro dia, o ICOFOM prestou uma justa homenagem ao insigne museólogo francês André Desvallées, homenagem essa que contou com a presença de Hans-Martin Hinz, actual presidente do ICOM, para além, evidentemente, do presidente do ICOFOM e seu colega de investigação, François Mairesse.

De enorme valia intelectual foi a mesa-redonda que contou com a presença de alguns presidentes de comités internacionais, nomeadamente de Nicholas Crofts (CIDOC - Comité Internacional para a Documentação), Hugues Dreyesse (UMAC - Comité Internacional para os Museus e Colecções Universitárias), François Mairesse (ICOFOM), Emma Nardi (CECA - Comité Internacional para a Educação e a Acção Cultural), Lisa Pilosi (ICOM-CC - Comité Internacional para a Conservação), Janos Tari (AVICOM -

Comité Internacional para o Audiovisual e as Novas Tecnologias da Imagem e do Som), Lynne Teather (ICTOP - Comité Internacional para a Formação de Pessoal) e Léontine van Mensch (COMCOL - Comité Internacional para o Desenvolvimento de Colecções). Com o tema genérico das novas tendências da Museologia como pano de fundo, pudemos perceber a grande sintonia de pontos de vista entre estes responsáveis, nomeadamente no que respeita à necessidade de se encontrarem novas e diversificadas vias de afirmação e sustentabilidade dos museus, em todo o mundo, num contexto social e económico genericamente adverso, que deverá ser entendido como propiciador de oportunidades, em vez de gerador de limitações e condicionalismos que possam pôr em causa os grandes objectivos missionários da instituição museológica.

O simpósio foi ainda complementado com um bom programa de visitas a espaços museológicos de Paris, nomeadamente ao Jardin des Plantes de Paris, à Grande Galerie de l'Évolution; às Galeries d'Anatomie Comparée et de Paléontologie; à Galerie des Gobelins, onde decorreu a assembleia-geral do ICOFOM; e à Fundação Albert Kahn, com realce entusiástico para os seus impressionantes e belos jardins temáticos.

## Industrial Heritage, Sustainable Development, and the City Museum Conferência Anual do CAMOC

*Joana Sousa Monteiro, museóloga, Câmara Municipal de Lisboa*

A conferência anual do CAMOC (Comité Internacional para as Colecções e Actividades dos Museus de Cidade) teve lugar em Gotemburgo (Suécia), entre **6 e 9 de Agosto** de 2014, tendo sido promovida pelo Museu da Cidade de Gotemburgo e co-organizada pelo ICOM Suécia, pela administração da Região de Vastra Gotaland e pelo TICCIH-Suécia (Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial).

Foi a primeira vez que o CAMOC, um jovem comité internacional que em 2015 completará dez anos de existência, se associou ao TICCIH, numa conferência com um programa centrado na relação do património industrial com as cidades em geral, e com as cidades industriais como é o caso de Gotemburgo, a segunda maior da Suécia.



Conferência de Lasse Fryk, CAMOC 2014 © Joana Sousa Monteiro

A conferência decorreu de forma dinâmica e participada, sendo que também foram positivos os resultados da reunião de direcção do CAMOC, designadamente em relação às possibilidades de localização das conferências anuais de 2015 e de 2017.

Com participantes de todos os continentes, foi de notar a diversidade da proveniência geográfica dos oradores: Suécia, Turquia, Reino Unido, Portugal, Alemanha, Federação Russa, Bulgária, Grécia, EUA, Canadá, Itália, Namíbia, Camarões, Japão, Taiwan, Bélgica, Austrália, Holanda, Sérvia.

Sendo o tema geral da conferência o património industrial, o desenvolvimento sustentável e os museus de cidade, destacam-se os quatro subtemas que orientaram o programa: 1) o papel do património industrial - material e imaterial - no desenvolvimento urbano pós-industrial; 2) as novas tecnologias para documentar e apresentar os patrimónios industriais; 3) «museus» na cidade: experiências museológicas fora das paredes do museu; e 4) interpretar o papel das migrações nas sociedades industriais e pós-industriais.

A comunicação que apresentámos, e que contou com o apoio do ICOM Portugal (mediante decisão da sua anterior direcção), fez parte do referido primeiro painel e intitulou-se «Papel, Lã e Chapéus: Três Museus Portugueses em Contexto de Desenvolvimento Urbano Pós-industrial». Apresentámos brevemente três museus portugueses de grande relevância: o Museu de Chapelaria (São João da Madeira), o Museu do Papel (Santa Maria da Feira) e o Museu dos Lanifícios da Covilhã. Abordámos, em particular, o modo como cada um deles se relaciona com as suas comunidades urbanas em contexto pós-industrial e de permanente mudança económica e social. Foi acentuada a importância da relação entre estes museus e as suas circunstâncias espaciais e ambientais, bem como o modo criativo e consistente com que têm envolvido os seus públicos em contexto de grande escassez de meios.

Do programa (disponível no [website do CAMOC](#)) destacamos duas das conferências inaugurais, nomeadamente a dedicada às *Motowns*, por Anders Houltz, sobre o património industrial e as vivências de cidades como Detroit, Turim, Volks, e Gotemburgo e o seu respectivo surgimento, desenvolvimento e total transformação na contemporaneidade; e a interessante intervenção sobre *Participatory Learning*, por Lasse Fryk, da Universidade de Gotemburgo, actualmente professor no Centro de Estudos Urbanos no bairro de Hammarkullen (arredores de Gotemburgo). Referiu o conceito de «transfiguração» aplicado à relação entre os movimentos migratórios e a progressiva urbanização. As questões sociológicas abordadas e os seus reflexos patrimoniais tornaram-se ainda mais pertinentes quando, no mesmo dia da palestra, os participantes da conferência visitaram o bairro de Hammarkullen e o respectivo centro cultural, onde tiveram a oportunidade de tomar contacto com os desafios do planeamento urbano e do desenvolvimento social e cultural numa comunidade multifacetada marcadamente boliviana e chilena.

Em diversas comunicações e debates foram abordados métodos de trabalho de museus de cidade, sobretudo europeus e norte-americanos, que, de algum modo, lidam com o património industrial, nalguns casos revelando boas práticas e noutros denunciando problemas estruturais. Foi notado que, mais do que reviver o passado e prolongar a

memória de antigas unidades fabris, importa também que esses museus possam ser agentes culturais activos na reabilitação ou renovação das indústrias no quadro do reforço das identidades locais nas cidades contemporâneas.

## II Programa de Treinamento Documentação em Museus CIDOC-ICOM

*Gabriel Moore Forell Bevilacqua, professor assistente, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense (Brasil)*

O II Programa de Treinamento Documentação em Museus CIDOC-ICOM realizou-se em São Paulo, no Brasil, entre **17 e 22 de Agosto** de 2014, a partir de uma parceria entre a Pinacoteca do Estado de São Paulo e o Instituto de Arte Contemporânea, contando com o apoio do Centro Universitário Belas Artes, que recebeu o curso nas suas instalações.

Conhecido originalmente em língua inglesa como *CIDOC Summer School*, o programa de formação focado no trabalho de documentação em museus surgiu em 2011, a partir de uma parceria entre o CIDOC (Comité Internacional de Documentação) e o Museum of Texas Tech University (Lubbock, EUA).

O principal objectivo do curso é a capacitação técnica de profissionais para actuar no trabalho de documentação em museus. De viés eminentemente prático, o curso privilegia a apresentação de conteúdos e a realização de discussões e exercícios directamente relacionados com o trabalho quotidiano de gestão de acervos em museus. É justamente esse enfoque nos processos, nos procedimentos técnicos e nas rotinas operacionais que diferencia este programa de alguns dos modelos tradicionais de formação profissional para a actuação em museus.

O curso realizou-se numa semana de aulas concentradas, incluindo visitas técnicas e discussões intensivas que possibilitaram uma oportunidade única para vivências e trocas de experiências entre alunos e professores, contribuindo directamente para a criação de redes de contactos que extrapolam a curta duração do programa.

A formatação do curso evidencia o compromisso bastante pragmático de actuar directamente na formação técnica de profissionais. Está dividido em 16 disciplinas distintas, separadas em dois núcleos, que acontecem simultaneamente. O primeiro é formado por disciplinas consideradas básicas e inclui temas, tais como: introdução ao



Visita técnica ao Museu da Imigração do Estado de São Paulo, 2014 © Bruno Cesar Rodrigues

trabalho de documentação em museus; procedimentos de inventário e catalogação; orçamento e organização institucional; e técnicas de marcação e registo fotográfico de objectos. Composto por oito matérias, é considerado um pré-requisito para o segundo núcleo que, por sua vez, engloba disciplinas consideradas intermédias e avançadas, abordando assuntos, tais como: publicação de acervos na internet; direitos de autor e *copyright*; informatização; gestão de dados; tráfico ilícito de bens culturais; e uma introdução ao CIDOC-CRM (*Conceptual Reference Model*), entre outros. Após completar as oito disciplinas do núcleo básico e pelo menos seis do núcleo intermédio e avançado, o aluno pode elaborar uma monografia, que, após ser aprovada por um júri de especialistas do CIDOC, permite ao aluno receber um certificado em documentação e gestão de acervos de museus, talvez o único certificado internacional existente para documentalistas e gestores de acervos em museus.

Foram oferecidas três turmas paralelas, cada qual com cerca de 30 vagas, o que totalizou 88 alunos. Sobre o perfil geral dos alunos, tratavam-se de profissionais que já trabalhavam em museus ou em instituições culturais similares. Em relação à origem dos mesmos, constatou-se que apesar da maioria residir no Estado de São Paulo, uma parte significativa dos inscritos era oriunda de outros estados brasileiros, além de alguns estrangeiros provenientes de países latino-americanos. O corpo docente dos cursos foi formado por 18 professores, sendo seis estrangeiros e 12 brasileiros.

Entre os principais desafios mais relevantes colocados pela realização do programa no Brasil é possível apontar o levantamento de recursos financeiros e a logística de produção para a organização do evento. A dificuldade para a articulação da formação dos professores, a grande demanda de serviços de tradução simultânea e os processos de produção, de adaptação e de tradução do material didáctico utilizado também trouxeram outros desafios a serem superados. Apesar destas questões de ordem organizacional, é possível afirmar que a realização do curso no Brasil por dois anos consecutivos trouxe resultados muito positivos para a área de documentação de acervos em museus e para a sua comunidade de profissionais em geral. O aperfeiçoamento técnico especializado pautado em procedimentos e padrões internacionais, bem como a troca de experiências sobre questões e problemas operacionais vivenciados nos museus constituem etapas cruciais para a qualificação de processos, ferramentas e sistemas de gestão de colecções.

## *Access and Understanding - Networking in the Digital Era*

### Conferência Anual do CIDOC

A presença portuguesa na conferência anual do CIDOC (Comité Internacional para a Documentação), que decorreu em Dresden, na Alemanha, de **6 a 11 de Setembro** de 2014, contou com intervenções em diversos formatos. Alexandre Matos integrou uma das sessões especiais dedicada ao SPECTRUM com a comunicação «SPECTRUM: A Desirable Network for Portuguese Spoken Museums», apresentando a tradução portuguesa, recentemente publicada e efectuada juntamente com parceiros brasileiros, que foi ainda objecto de outra apresentação no grupo B «Processes in Museum Documentation», intitulada «SPECTRUM PT - translation and localization of SPECTRUM in Brazil and Portugal». Entre as comunicações que integraram as diversas sessões destacamos ainda, entre outras, a de Fernando Cabral (em conjunto com Paulo Lima), que apresentou «Paisagem-Id.pt - Digital Management System to Support Portuguese Submission to the UNESCO List of the Intangible Cultural Heritage of Humanity»; Rosário Salema de Carvalho e Fernando Cabral (em conjunto com Alexandre Pais), que apresentaram o «Az Infinitum - Azulejo Indexation and Referencing System»; e Natália Jorge (em conjunto com Sandra Costa Saldanha) que falou sobre «Religious Heritage - Challenges In Equivalence». Convidámos Natália Jorge e Rosário Salema de Carvalho a escrever as suas impressões sobre a conferência.

\*\*\*\*

*Natália Jorge, Departamento de Formação e Investigação da Sistemas do Futuro*

A conferência anual do CIDOC teve como tema central *Access and Understanding - Networking in the Digital Era*. No âmbito desta abrangente temática, os trabalhos e as discussões foram divididos e incidiram sobre os seguintes temas: estratégias e políticas em documentação; processos de documentação em museus; documentação como profissão; *networking*; metadados; terminologia multilingue; preservação digital de longa duração; património cultural imaterial; SIG - aplicações em património cultural; e documentação digital em Arqueologia.



Apresentação de Fernando Cabral, CIDOC 2014 © Rosário S. de Carvalho

A organização do [CIDOC 2014](#) aprovou cerca de 120 comunicações, que decorreram em 26 sessões paralelas, contando com 285 inscrições e representantes de cerca de 49 países. Como tem sido habitual, os dois primeiros dias foram dedicados à realização de diversos *workshops* em sessões paralelas.

Na minha perspectiva, o ponto alto do CIDOC aconteceu no primeiro dia, com a conferência inaugural de Murtha Baca (Getty Research Institute, Los Angeles, EUA). A sua comunicação centrou-se no facto da digitalização não significar necessariamente acesso, dado haver questões técnicas, culturais e desafios linguísticos envolvidos que funcionam como barreiras à disponibilização de materiais na internet; Baca falou da *visible web* versus *deep web*, tendo apresentado propostas, potenciais soluções e novas abordagens. No final da comunicação, foi possível trocarmos impressões sobre a disponibilização do [Art & Architecture Thesaurus - AAT](#) como *Linked Open Data*, e do que isso significa para a comunidade e para os profissionais da documentação. Actualmente, qualquer pessoa pode aceder livremente aos dados, usando-os, reutilizando-os, redistribuindo-os e partilhando-os, independentemente do seu propósito (cf. o vídeo produzido pela Europeia no [Vimeo](#)).

Paralelamente às comunicações foram também criadas sessões especiais dedicadas a três temáticas: SPECTRUM Internacional, vocabulários Getty e *Linked Open Data*, e Arqueologia. No último dia, os participantes foram ainda convidados a participar em diversas excursões.

*Rosário Salema de Carvalho, investigadora, Artis - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

A conferência consistiu num intenso programa de trabalhos marcada pela diversidade de experiências que se cruzaram e dialogaram de forma profundamente enriquecedora.

É difícil destacar contribuições específicas, mas opto por mencionar, à semelhança da minha colega Natália Jorge, a comunicação de Murtha Baca, que abordou várias questões depois retomadas em diversas conferências e grupos de trabalho. Os desafios técnicos, culturais e linguísticos de tornar acessíveis os conteúdos e os materiais culturais constituíram o mote desta palestra, reafirmado nas sessões dedicadas à terminologia ou processos de documentação, onde alguns projectos mostraram as dificuldades de tradução de vocabulários e de procedimentos. Existem barreiras que têm que ser ultrapassadas e, das soluções e propostas apresentadas destaca-se o trabalho desenvolvido



Apresentação do projecto *Az Infinitum - Azulejo Indexation and Referencing System*, CIDOC 2014 © Rosário S. de Carvalho

pelo Getty Research Institute na disponibilização dos seus vocabulários como *Linked Open Data*.

Por fim, não poderia deixar de mencionar o projecto *Getty Scholars' Workspace*, um espaço em linha para investigadores, colaborativo e de publicação, que constitui mais um passo na direcção de uma História da Arte que tira partido da era digital.

\*\*\*\*

Além da análise de Natália Jorge e de Rosário S. de Carvalho, pode ainda ler os comentários da brasileira Juliana Monteiro (Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo) sobre a conferência anual do CIDOC em notícia publicada no *Mouseion*, o blogue de Alexandre Matos: <http://www.mouseion.pt/>

## AGENDA

---

### Conferências, encontros, debates

#### Seminário Internacional *Comunicar Património* | 10–11 de Outubro de 2014

Plataforma das Artes e da Criatividade, Guimarães | org. Feira do Património, Spira - Revitalização Patrimonial

O seminário pretende abordar o modo como as instituições patrimoniais encaram a comunicação da sua missão e serviços e qual a respectiva percepção por parte do público: o que procura o público e como se pode melhorar a comunicação patrimonial?

Mais informações: <http://www.feirapatrimonio.pt/>

#### *Arquitectura: a Abrir ou a Fechar Portas?* | 13 de Outubro de 2014

Museu do Banco de Portugal, Largo S. Julião, Lisboa | org. Acesso Cultura

De que forma devemos olhar para a Arquitectura? Os seus «produtos» são obras a ser contempladas e admiradas ou também obras que são usadas por pessoas? Estética e usabilidade são incompatíveis? Devemos aceitar que possam ser criadas, em certos casos, barreiras ou é sempre possível desenvolver soluções que libertam as pessoas e que permitem plena fruição? De que forma se pode passar da teoria à prática?

Mais informações: <http://acessocultura.org/>

#### *Caminhos de Futuro para os Museus: Tendências e Desafios na Diversidade* | VIII

Encontro Ibero-Americano de Museus | 13, 14 e 15 de Outubro de 2014

Museu Nacional de Etnologia, Lisboa | org. IBERMUSEUS e DGPC

Os objectivos do encontro são: aprofundar o conhecimento mútuo das realidades museológicas dos países ibero-americanos; proporcionar ocasiões de reflexão em torno do estado da questão das políticas públicas para museus; apresentar e debater ideias e linhas de futuro para a evolução dos museus ibero-americanos; servir de plataforma entre a Ibero-América, a Europa e o espaço da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), tirando partido da circunstância de Portugal ser o país anfitrião.

Mais informações: <http://www.patrimoniocultural.pt/>

### *Encontros de Outono Por Terras de Contrabando: Memórias na 1.ª Pessoa | 18 de Outubro de 2014*

Museu da Guarda | org. MINOM Portugal - Núcleo de Oralidade, Memória e Esquecimento (NUOME)

Tomando como ponto de partida o reconhecimento do museu como mediador dos processos de discussão dos modelos de construção das narrativas sobre memória e esquecimento, propomos contribuir de uma forma activa para a identificação das diversas expressões, manifestações e territórios da memória e da oralidade, neste caso específico, as narrativas do contrabando.

Mais informações: <http://nuome.blogspot.pt>

### *Desafios da Gestão Integrada dos Acervos nos Museus | III Encontro Nacional de Centros de Documentação de Museus | 31 de Outubro de 2014*

Museu de Cerâmica de Sacavém

Este encontro procura trazer à discussão a reflexão teórica que começa a surgir no mundo académico, continuar a dar a conhecer algumas boas práticas de gestão de documentação nos museus em Portugal e promover o diálogo entre os profissionais dos museus, em torno da necessidade de um trabalho conjunto e pluridisciplinar na gestão e comunicação dos acervos museológicos.

Mais informações: <http://www.cm-loures.pt/>

### *Espaços Incertos: Configurações Virtuais nos Museus e na Arte Contemporânea | 31 de Outubro a 1 de Novembro de 2014*

Auditório 3, Fundação Calouste Gulbenkian | org. Próximo Futuro - Gulbenkian; Instituto Superior Técnico; e Universidade Nova de Lisboa

Através dos contributos de investigadores, artistas e curadores, esta conferência pretende discutir as diferentes formas como a arte contemporânea e os museus se reconfiguram em contextos virtuais.

Mais informações: <http://unplace.org/conference>

*Processos de Musealização: Um Seminário de Investigação Internacional | 5–7 de Novembro de 2014*

org. Doutoramento em Museologia, Universidade do Porto

As diferentes dimensões dos processos de musealização vêm sendo cada vez mais compreendidas enquanto aspectos centrais para pensar os museus como artefactos sociais e produtores de conhecimento. O seminário pretende ser um espaço para discutir os processos de musealização, explorando os desenvolvimentos teóricos do pensamento museológico contemporâneo e destacando como a sua materialização acontece nas suas práticas.

Mais informações: <http://processosdemuseali.wix.com/conferenciaflup2014>

*I Seminário de História de Coleções | 19, 20 e 21 de Novembro de 2014*

org. Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Lisboa | Auditório Manuel Valadares

A área da história de colecções encontra-se em franco desenvolvimento, tendo nos últimos anos vindo a público numerosos estudos, teses e artigos, quer em Portugal quer a nível internacional. Dada a importância e transversalidade da área, bem como a necessidade de a aprofundar e estruturar, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa organiza, a partir deste ano e com edição anual, um seminário de história de colecções.

Mais informações: <http://www.mnhnc.ulisboa.pt/>

*Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospectiva | 27, 28 e 29 Novembro de 2014*

org. Universidade Nova, Lisboa

A importância e o papel do Património (cultural e natural) na sociedade contemporânea tornam praticamente transversal a todas as áreas científicas a necessidade de conhecimento e de reflexão sobre questões ligadas à memória colectiva e social, à selecção de elementos do passado e sua refuncionalização no presente, à função patrimonial de certos bens e manifestações culturais em relação a comunidades de pertença, ao carácter cíclico do Património, à dimensão patrimonial do desenvolvimento, enfim ao Património como facto social e cultural.

Mais informações: <http://www.ihc.fcsh.unl.pt/>

*Conferência Que lugares para a Educação? A Dimensão Educativa das Instituições Culturais | 16 Dezembro de 2014*

org. Programa Descobrir da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Que relevância tem a educação na missão do museu, do centro cultural ou do teatro neste início do século XXI? Poderemos conceber a programação destes espaços como uma forma de transmissão de conhecimento, envolvendo os públicos no debate de questões relevantes da

sociedade contemporânea? Terá esse debate uma dimensão educativa? Como se pode pôr em prática essa dimensão?

Mais informações em: <http://descobrir.gulbenkian.pt/>

## Internacional

*Conferência Living Together in a Sustainable Europe - Museums Working for Social Cohesion* | 6–8 de Novembro de 2014

Bolonha, Itália | org. NEMO (Network of European Museum Organisations)

Starting from the central assumption that museums can play a central role in society, what can they do in times of economic and social stress (just to name a few issues hyper-nationalism, inter-religious problems, social tensions, political polarisation, emphasis of most European policies on economics and competition, movements against foreigners), areas where politics have failed to develop and respond with appropriate instruments, where civil society organisations and culture in particular, might have a better position to act on.

Mais informações em: <http://www.ne-mo.org/>

Muitos dos comités internacionais do ICOM realizam as suas reuniões anuais nesta altura do ano. Não sendo possível fazer referência a todos, sugerimos que consulte o calendário de eventos publicado no *website* do [ICOM](#). Caso seja membro do ICOM pode ainda aceder à [ICOMMUNITY](#), plataforma de partilha entre profissionais, onde encontrará mais informação sobre a actividade dos comités nacionais e internacionais.

## Formação

*Workshop Planificação e Organização de Exposições. O Papel do Curador* | 4–5 de Outubro de 2014

Casa da Beira Alta, Porto | org. AntiFrame | O objectivo desta acção de formação é enquadrar no contexto da gestão de projectos culturais a função do curador. Mais informações em: <http://museologiaporto.ning.com/>

A programação da associação Acesso Cultura insere-se no âmbito da acessibilidade física, social e intelectual. Estão previstas várias formações nos próximos meses: <http://acessocultura.org/>

A formação promovida pela Rede Portuguesa de Museus abrange um leque diverso de cursos de curta duração (inventário, vigilância e segurança, conservação preventiva,

património imaterial, acessibilidade, educação, comunicação). Pode consultar a programação de 2014 em: <http://www.patrimoniocultural.pt>

### Chamada para propostas

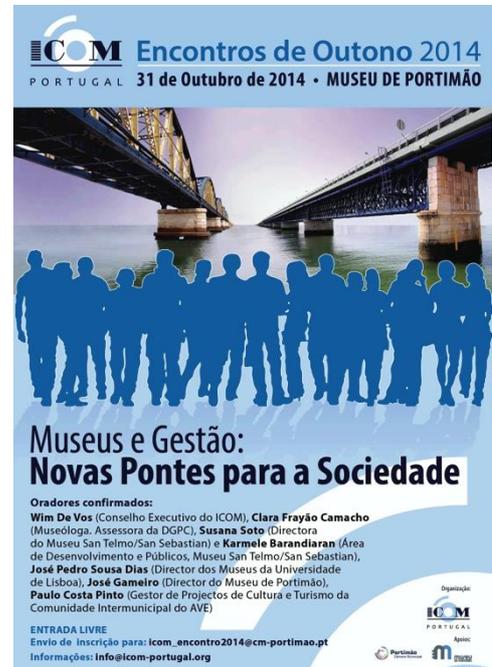
**Revista MIDAS | 31 de Outubro de 2014:** Prazo limite para o envio de propostas para o dossier temático do 4.º número: *Ciência e Arte, SciArt: Museus, Laboratórios, Cientistas e Artistas*. Mais informações: <http://midas.revues.org/617>

**Revista Museu | 30 de Novembro de 2014:** Prazo limite para o envio de propostas para a *Revista Museu*, n.º 21, publicação do Círculo Dr. José de Figueiredo. Os artigos devem ser enviados para o director da revista: Gonçalo de Vasconcelos e Sousa ([gsousa@porto.ucp.pt](mailto:gsousa@porto.ucp.pt))

## Destaque: “Museus e Gestão: Novas Pontes para a Sociedade”

A 31 de Outubro o ICOM Portugal realiza os seus Encontros de Outono em Portimão. Estes Encontros e estas «Novas Pontes para a Sociedade», que os museus devem construir, estimular e desenvolver, pretendem ser um forte contributo para a reflexão e para o debate sobre os desafios e os caminhos plurais dos museus na gestão e valorização dos recursos patrimoniais, científicos e culturais das suas comunidades e igualmente um contributo portador de realismo e esperança para o contexto museológico nacional.

A entrada é livre, mas é necessário fazer inscrição prévia (icom\_encontro2014@cm-portimao.pt). Encontra mais informações em: <http://www.icom-portugal.org/>



### Programa Preliminar

09:00 - Recepção aos participantes

10:00 - Sessão de abertura e boas-vindas  
 Director do Museu de Portimão  
 Presidente do ICOM Portugal  
 Directora Regional de Cultura do Algarve  
 Director-geral do Património Cultural  
 Presidente da Câmara Municipal de Portimão

10:30 - Pausa para café

10:45 – 12:15 - Painel 1. Museus e Gestão

Moderadora: Joana Sousa Monteiro, direcção ICOM Portugal

**Museus: Criar Novos Sentidos e Novas Ligações com as Comunidades?**  
 Wim De Vos, conselho executivo do ICOM

**Credenciação e Redes de Museus: Paradigmas e Instrumentos de Gestão ao Serviço da Sociedade?**  
 Clara Frayão Camacho, museóloga, Direcção-Geral do Património Cultural

**Museus e Coleções Científicas em Portugal: o PRISC e a Colaboração à Escala Nacional para Afirmar o Seu Papel como Infraestrutura de Investigação**

José Pedro Sousa Dias, director dos Museus da Universidade de Lisboa

12:15 – 12:45 - Debate

12:45 – 14:30 - Pausa para almoço

14:30 – 16:30 - **Painel 2. Pontes para a Sociedade**

Moderadora Dália Paulo, direcção ICOM Portugal

**San Telmo, um Museu para a Sociedade Basca, um Museu para o Território**

Susana Soto, directora do Museu San Telmo, San Sebastian (Espanha)

Karmele Barandiaran, Área de Desenvolvimento e Públicos do Museu S. Telmo, San Sebastian (Espanha)

**Partilhar a Identidade - Princípios e Práticas no Território da NUT III Ave**

Paulo Costa Pinto, gestor de projectos cultura e turismo da Comunidade Intermunicipal do Ave

**Caixa de Primeiros Socorros para os Museus em Tempo de Crise**

José Gameiro, director do Museu de Portimão

16:30 - Debate

17:00 - Conclusões e encerramento

17:15 – 18:15 - “O Melhor do Nosso Mar” - Degustação de conservas portuguesas (Iniciativa Docapesca) e vinhos de Portimão

Inauguração da exposição *Mar Oceano* e visita ao Museu de Portimão

## Colabore com o ICOM Portugal

Já conhece a página de Facebook do ICOM Portugal? Visite, comente e partilhe conteúdos em: <https://www.facebook.com/icomportugal>

O próximo boletim ICOM Portugal será dedicado às redes no mundo dos museus. Envie-nos até **15 de Novembro** de 2014 sugestões e propostas para as secções: Perspectivas; Publicações; Notícias ICOM; e Agenda. [Mais informações](#) | [boletim.icom.pt@gmail.com](mailto:boletim.icom.pt@gmail.com)

## FICHA TÉCNICA

Boletim ICOM Portugal, Série III, N.º 1, Out. 2014 | ISSN 2183-3613

Este boletim é uma edição da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM Portugal). Publica-se três vezes por ano. As opiniões expressas nos textos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores, não reflectindo necessariamente os pontos de vista do ICOM Portugal.

O boletim adopta a antiga ortografia.

Editora: Ana Carvalho | Colaboraram nesta edição: Agostinho Ribeiro, Alexandre Matos, António Ponte, Clara Frayão Camacho, Dália Paulo, Gabriel Moore F. Bevilacqua, Graça Filipe, Inês Ferreira, Joana Sousa Monteiro, José Alberto Ribeiro, José Gameiro, Manuel Bairrão Oleiro, Maria de Jesus Monge, Maria João B. M. Burnay, Maria João Vasconcelos, Mário Nuno Antas, Natália Jorge, Pedro Pereira Leite, Rosário Salema de Carvalho, Sara Barriga. A todos os colaboradores o nosso agradecimento.

Design: Maria van Zeller, Sistemas do Futuro | Foto da capa © Museu de Portimão

Palácio Nacional da Ajuda - Museu, Ala sul - 2.º Andar, Largo da Ajuda, 1349-021 Lisboa  
| tel. 213637095 | [info@icom-portugal.org](mailto:info@icom-portugal.org) | <http://www.icom-portugal.org> |  
<https://www.facebook.com/icomportugal>